

## O ESTRANHO NA FORMAÇÃO PSICANALÍTICA<sup>1</sup>

| FRANCISCO HELDER LIMA PINHEIRO JÚNIOR<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente texto busca fornecer uma narrativa capaz de condensar uma série de reflexões sobre o estranho na formação psicanalítica e alguns pontos sobre aspectos ligados ao processo formativo e à transmissão da psicanálise. Para o autor, ao falar desses dois aspectos, também foram consideradas as mudanças culturais, econômicas e sociais como expressões de Eros sobre o cotidiano, que impelem a movimentos de constantes inquietações e alavancam transformações capazes de afetar o processo de formação do psicanalista. São inúmeros os escritos sobre a formação psicanalítica nos moldes propostos pelos institutos de formação ligados ou não à IPA. Na realidade, um tema paradoxal, por ser tão antigo quanto atual e que se confunde com a história da própria psicanálise, mas não me parece razoável entender tal discussão como ultrapassada.

Palavras-chave: Formação. Transmissão. Psicanálise. Quarto eixo. Narcisismo.

### ABSTRACT

The present text seeks to provide a narrative capable of condensing a series of reflections on the stranger in the psychoanalytic formation and some points on aspects related to the formative process and the transmission of psychoanalysis. For the author, when speaking of these two aspects, also, cultural, economic and social changes were considered as expressions of Eros over the daily life, which impelled the movements of constant restlessness and leveraged possible transformations capable of affecting the process of formation of the psychoanalyst. There are many writings on psychoanalytic training along the lines proposed by training institutes with or without IPA. In fact, it is a paradoxical theme, because it is as old as it is current, which is confused with the history of psychoanalysis itself, but it does not seem reasonable to understand such a discussion as outdated.

Keywords: : Formation. Transmission. Psychoanalysis. Fourth axis. Narcissism.

---

1 Trabalho apresentado na III Jornada de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Fortaleza - SPFOR.

2 Psicólogo, especialista em Psicologia Clínica – Centro de Estudos Psicanalíticos (CEP)/SP, analista institucional – CEP/SP, ex-docente do curso Formação em Psicanálise – CEP/SP, membro fundador do Núcleo de Psicanálise e Ação Social – NUPAS/SP, presidente da Associação Brasileira de Psicanálise – ABC (2016 e 2017), psicanalista em formação na SPFOR, co-organizador do livro Winnicott – Seminários cearenses.

A motivação deste texto tem origem em reflexões a respeito das inúmeras discussões com os psicanalistas em formação, nos institutos ligados a sociedades filiadas à Associação Psicanalítica Internacional (IPA), tendo como pano de fundo dois pontos: os estranhamentos vividos nos percursos formativos dos participantes da discussão e um entendimento possível sobre a transmissão da psicanálise. Ao rabiscar esse texto, principalmente ao falar sobre o percurso de formação, achei importante considerar os aspectos culturais, econômicos e sociais como expressões pulsantes de elementos imbricados ao próprio movimento de vivenciar, compreender e experienciar as constantes inquietações e transformações do percurso formativo que parte do desejo de ser para o desejo de vir a ser psicanalista.

São inúmeros os escritos sobre a formação psicanalítica nos moldes propostos por institutos de formação ligados ou não à IPA, e deixo para outro momento abordar a formação independente, entendida aqui como o analista não ligado a uma instituição. Na realidade, o tema da formação mostra-se paradoxal, por ser tão antigo quanto atual, confundindo-se com a história da própria psicanálise, mas não me parece razoável entender tal discussão como ultrapassada. A história da psicanálise testemunha importantes mudanças da qualidade de relação entre institutos e candidatos. Proponho conversarmos sobre o quanto essa qualidade da referida relação pode influir, decisivamente, na conclusão do processo institucional de formação, na disponibilidade de uma participação ativa do candidato em questionar os saberes instituídos, favorecendo um diálogo potencialmente transformador para si e seu instituto ou mesmo servir como uma experiência iatrogênica durante o mesmo percurso.

## **NAS FRONTEIRAS DA FORMAÇÃO**

Em 2016 aceitei o convite da Associação dos Membros Filiados de São Paulo (AMF), ligada ao Instituto de Psicanálise Durval Marcondes, da SBPSP, para conversar no simpósio intitulado: “O silêncio sobre o custo e o custo do silêncio na formação analítica”. Naquela ocasião, o convite propunha uma discussão que partisse do alto custo financeiro de todo o processo ao que incluí, em minha fala, os custos pessoais – de quem se disponibiliza a vivenciar essa epopeia. Tomo o simpósio

da AMF como exemplo, por ter podido testemunhar que analistas e candidatos conseguiram sustentar uma discussão forte, criativa e flexível o suficiente para criarem ações concretas em resposta aos estranhamentos que foram elencados e debatidos naquele simpósio, mas na história dos candidatos que nos precederam estão as evidências de que a relação entre candidato e instituto nem sempre foi tão produtiva.

Conforme destacou Rodrigues (2006), houve uma época que o disparador para discussões sobre a formação fora o viés político, pautado no fato de os candidatos, cansados do autoritarismo de seus institutos, terem se organizado para protestar, dentro de um congresso da IPA – mesmo em um clima bélico – sobre a necessidade de serem discutidas e atendidas demandas como a de obterem uma participação ativa dos candidatos no próprio processo formativo – isso nos idos de 1969. Outros textos trabalharam os avanços e entraves do uso da psicanálise como teoria e como técnica para os desafios encontrados nos atendimentos clínicos, mas sempre conversando com as questões político-institucionais da formação e da transmissão psicanalítica, como bem destacou Tanis (2005).

Basta citar alguns recentes escritos em torno da temática da formação – Marinho (1998), Ferraz (2014) e Mori (2016) – para ratificar o fato de o processo formativo ter sofrido mudanças significativas e acredito que parte dessas mudanças resulte de uma posição questionadora dos analistas em formação ao longo da história. Para mim, à medida que os candidatos compreenderam a importância de escutarem os estranhamentos vivenciados em seus percursos de formação e questionaram alguns saberes institucionais cristalizados, encontrados nas diferentes propostas formativas dos institutos, puderam promover novas discussões que irromperam com alguns saberes instituídos, viabilizaram contribuições, geraram um movimento institucional vivo e próprio de um constante repensar entre as partes envolvidas. As tensões geradas na relação candidato e instituto revelaram – e creio que ainda revelem – parte das complexas relações institucionais vividas durante o processo formativo, como bem recortou Cassorla (2017) no texto “Por uma formação analítica suficientemente má”, publicado no livro *Construções V*, em que o autor destaca a importância do candidato manter uma posição ativa, questionadora e colaborativa com seu instituto de formação, na medida em que

adquira consistência argumentativa para sustentar discussões políticas como a que ainda se mantém viva e gira em torno das diversas nomenclaturas utilizadas pelos institutos quando se referem à condição daqueles que estão candidatos (membros filiados, psicanalistas em formação, membros do instituto, membros aspirantes e membros provisórios). Compreendo a formação do psicanalista como um processo artesanal de talhar e transformar seu saber a cada nova leitura, supervisão, seminários e análise pessoal, dentro de um tempo que não o regido por Cronos. Esse processo é “uma caminhada intensa e revolucionária que está no DNA do período de formação”, como destacou Denise Bystronski (2008), editora do livro *Construções I*.

O fato de estarmos candidatos marca o pertencimento – em caráter provisório – dos psicanalistas em formação a um instituto. A flexibilidade de cada instituto em favorecer ou não as aspirações dos candidatos participarem dos espaços de discussões e deliberações dentro dos institutos, impactará no nível de interesse dos candidatos em debater sobre como vivem sua formação, o que pensam da transmissão da psicanálise (o que inclui suas análises didáticas, seminários e supervisões) e na qualidade do relacionamento dos futuros psicanalistas com os institutos escolhidos para vivenciarem sua formação. Acredito ser esse um dos pontos que nos instiga a conversar sobre a posição paradoxal e inquietante de estar candidato – como foi destacado no livro *Construções III*.

Apresento esses pontos no início do texto como introdução de meus pensamentos a respeito da importância do candidato sustentar uma participação ativa na vida institucional e dividir com o leitor-autor parte das inquietações que me afetam, desde o início de minha formação na SPFOR, época que estive na condição de presidente da Associação Brasileira de Candidatos (ABC). Tais pensamentos buscam, neste recorte, ganhar o estatuto de narrativa sobre meu entendimento da transmissão da psicanálise e o custo ligado a um processo pessoal e institucional de formação dentro de um dos institutos ligados à IPA.

## TRANSMISSÃO E FORMAÇÃO

Segundo Tanis, “falar em formação analítica me leva a evitar o impessoal. Impõe-se como necessário, para abordar esta questão, uma passagem pelo singular”

(2005, p. 25). Senti-me acompanhado ao me deparar com essas palavras e me dei conta que bordejava a minha necessidade de pontuar um brevíssimo entendimento sobre a diferenciação conceitual de *transmissão* e *formação*.

Para Ferraz (2014), a “transmissão diz respeito ao processo imediato da aquisição, a um só tempo intelectual e analítica, dos conceitos da psicanálise, formação é um termo mais abrangente, que se refere à totalidade do processo, em sua extensão temporal e em suas relações com as instituições que a promovem”. As essas ideias foram somadas a de outros representantes de diferentes instituições de formação, presentes na mesa-redonda realizada no Instituto Sedes Sapientiae, em abril de 2008. Na sequência daquelas discussões, constataram que, mesmo entre modelos institucionais de formação com diferenças fundamentais, existe um “resto”, de difícil digestão, capaz de gerar, em Ferraz, a certeza da semelhança dos problemas de fundo comuns às instituições. Pretendo retomar esse “resto” mais à frente e tratar do que me foi possível pensar como um destino produtivo para ele. Antes, parece-me importante realizar algumas ponderações sobre o custo da formação.

## PONTUAÇÕES SOBRE O CUSTO DA FORMAÇÃO DO PSICANALISTA

É fato que, a partir da criação da primeira Associação Psicanalítica, em 1910, também surgiu a proposta de uma formação oficial. Naquele tempo, Freud procurava criar uma maneira de preservar o ouro puro da psicanálise, mas enganase quem pensa isso seja o mesmo que exigir uma formação padronizada. Para Tanis, o termo *formação* privilegia o “aspecto processual do vir a ser analista”, mas o custo de vivenciar esse percurso ultrapassa a questão financeira, justamente por convocar o candidato a enfrentar os estranhamentos advindos de conflitos subjetivos, intersubjetivos, dificuldades práticas de administração de horários de estudos e seminários, ao vivenciar constantes transformações do início ao término do processo institucional. Contudo, adverte Tanis, a formação também pode conotar algo como formatação por parte dos “*guardiões da tradição*” (Tanis, 2005, p. 31-32), a depender, parece-me, da maneira com que a instituição fomente a transmissão da psicanálise e de aspectos subjetivos dos próprios candidatos.

Quando o postulante se submete às entrevistas para iniciar uma formação psicanalítica nos institutos das sociedades filiadas à IPA, tem uma noção parcial

do custo dessa epopeia. Sinteticamente, destacamos as exigências vividas nos atendimentos de pacientes que prevalecem atualmente na clínica, como os adictos, os narcisistas, os *borderline*, os anoréxicos, os psicossomáticos, entre outros. Os chamados pacientes difíceis fazem o candidato lembrar, de maneira mais cortante, os custos pessoais e necessários de uma formação permanente, pois os efeitos sobre aquele que ocupa o lugar de analista, em muitos momentos, geram sofreguidão e dor, ao passo que promovem o desenvolvimento emocional e profissional no analista em treinamento.

A noção parcial do custo, citada anteriormente, faz referência também ao conhecimento do postulante sobre as exigências financeiras da formação. Nas inúmeras oportunidades de trabalho junto aos candidatos da ABC, escutamos queixas sobre a disparidade dos elevados custos financeiros das atividades requeridas pelos institutos, entre as quais destacaram: honorários dos didatas locais que ministram os seminários e honorários dos didatas de fora do estado ou do país. Nesse último ponto são adicionados custos extras (deslocamento, alimentação e hospedagem), elevados honorários das análises de alta frequência (3 a 4 sessões semanais), supervisões oficiais (apenas realizadas por analistas didatas), livros, cursos, congressos em âmbito nacional e internacional.

A depender do instituto, algumas peculiaridades no processo formativo podem aumentar a conta para o candidato. No ano de 2016, em um dos canais virtuais de âmbito internacional, candidatos discutiram sobre como os institutos lidam financeiramente com questões de afastamento por adoecimento ou licença-maternidade do candidato, por exemplo. Noutra ocasião, questionamos se cabe ao instituto tomar posição sobre a interrupção da análise didática de uma candidata (já em fase final de relatórios) quando seu analista – alegando motivação pessoal – comunicou seu desligamento da sociedade da qual ambos faziam parte, o que comprometeu a continuidade da formação da candidata. Pode parecer óbvio que, em nome do desejo de ser um psicanalista da IPA, alguns candidatos assumam uma posição passiva de sustentar o alto custo (financeiro e pessoal) já instituído como parte da formação.

Conversar sobre o alto custo da formação, por exemplo, e as possíveis consequências

no processo contínuo de formação, representa, para mim, uma oportunidade fértil de compreensão sobre qual o ponto de equilíbrio entre as questões pessoais de um candidato e do instituto durante todo o processo formativo.

### UM CANDIDATO SÓ NÃO FAZ VERÃO

Recupero agora a questão do “resto”, comum às vivências institucionais, para pensarmos sua repercussão na formação e o quanto a posição do candidato faz diferença na vida desse ponto. A própria IPA tem demonstrado interesse e estimulado psicanalistas e candidatos a debaterem sobre a importância de assumirem uma posição ativa em seu próprio percurso de formação, inclusive estimulando todos a vivenciarem o quarto eixo. A importância de termos candidatos interessados em questionar a qualidade do processo formativo aumenta na medida em que nós, brasileiros, somos numericamente a maior representatividade de candidatos dentre toda América Latina.

A ocupação dos espaços já conquistados por candidatos que nos antecederam é necessária para refletirmos sobre mudanças contínuas e necessárias aos institutos e sociedades, mas é igualmente importante que conheçamos e façamos uso dos espaços instituídos pelos próprios candidatos (eventos promovidos pelas associações locais de candidatos, encontros regionais, brasileiro e o pré-congresso) e que, mobilizemos parte de nossa energia psíquica na sustentação de ações de interesse coletivo, trabalhando as demandas nas associações locais de candidatos e ampliá-las para espaços nacionais de trabalho, em um esforço criativo e constante de construção e desconstrução de conhecimento próprio do processo de autorização de um pensar por si próprio, condição própria do vir a ser psicanalista.

A contribuição das discussões coletivas e heterogêneas entre candidatos de institutos diferentes abrangem conflitos internos de cada instituto e potencializa a criação de um destino saudável ao “resto”, pertencente a experiência institucional de formação, anteriormente destacado da fala de Ferraz. Esse “resto” pode ser compreendido como um analisador (um acontecimento novo que surge para denunciar as tensões instituídas nos grupos) que busca romper com o saber já

cristalizado nas instituições, ao anunciar situações novas, reveladas a partir das inquietações dos candidatos.

Frente às aberturas encontradas em grande parte dos institutos, não é razoável encontrar candidatos aceitando que uma instituição mantenha apenas um olhar burocrático sobre as dificuldades do candidato em sustentar sua formação, sob o risco de tal atitude servir para promover uma elitização do acesso à formação e levar os institutos filiados à IPA a perderem pessoas e talentos que muito poderiam contribuir com o avanço do pensamento psicanalítico em um futuro próximo.

Nem de longe temos a pretensão de apontar soluções ou mesmo marcar uma posição maniqueísta e predatória entre candidatos e institutos. Penso, a partir da conjuntura atual, ser saudável fortalecermos o trabalho conjunto de analistas e candidatos para melhorarem o processo de formação – como a iniciativa de alguns institutos de terem um representante de candidatos em várias de suas comissões e espaços internos ou na criação de comissões mistas onde as partes fomentem alternativas para determinadas demandas. Essas iniciativas revelam as marcas das lutas e conquistas de gerações de candidatos que nos antecederam e, ao mesmo tempo, evidenciam a conquista de uma flexibilidade institucional por parte da IPA e de sociedades filiadas.

Sustentar uma proposta democrática de diálogo entre as instituições psicanalíticas brasileiras – com características singulares de funcionamento – e um grande número de candidatos, promovem importantes desafios. Certamente, nesses diálogos, ocorrem algum nível de desconforto e mal-estar nas partes envolvidas, passível de ser compreendido como parte dos ajustes que uma experiência de transformação promove em todos grupos de pessoas e instituições que se submetem à renúncia pulsional de um tudo poder ou tudo saber.

Portadoras de um saber em germe, as queixas dos candidatos, quando bem trabalhadas, podem ser transformadas em demandas complexas e potencializadoras de um constante movimento de aprimoramento do futuro psicanalista e mesmo dos institutos.

O tripé analítico (estudo, análise e supervisão), dentro da formação oficial, instituída a partir da tradição freudiana, tem um valor inquestionável, mas



acredito ser igualmente valoroso que, aquele que se candidata a vir a ser um psicanalista sustente uma posição inquieta, dotada de uma sensibilidade na escuta das sensações de estranhamento por ele vivido frente ao saber que já está instituído e trabalhar em análise, na supervisão e em outros tantos espaços institucionais o referido estranhamento.

O candidato perceberá a formação psicanalítica como uma posição permanente de aprendiz, o que me parece ser adquirida apenas se o candidato submeter sua trajetória ao rigor do aprimoramento durante o processo formal de seu percurso, sem se confundir com o assumir uma posição passiva de aluno. Entendo que a formação do analista está sustentada no desejo de forjar-se psicanalista, mas não apenas. A construção do lugar de quem se ocupa de escutar o sofrimento de um outro é uma tarefa que necessita da colaboração de muitos. Ninguém cresce e se desenvolve saudavelmente sozinho.

Escolher uma formação psicanalítica no modelo IPA não é garantia ao candidato de que vivenciará o chamado quarto eixo. Embora esse quarto pilar tenha sido fortemente defendido por Stefano Bolognini, em sua carta “Em direção ao quarto eixo”, e de Daniel Deloya (presidente da Febrapsi em 2016/2017), como parte encarnada da formação da identidade do psicanalista, ainda vejo a experiência no quarto eixo como um objetivo a ser alcançado pela maioria dos candidatos.

Os candidatos recém-iniciados no processo de formação se sentem confusos por inúmeras dúvidas a respeito de sua participação no funcionamento institucional e desconhecem a importante contribuição de sua inserção em todo o percurso para manutenção saudável até mesmo da própria sociedade da qual pretende fazer parte quando estiver na condição de psicanalista. As sensações de estranhamento são potencializadas quando o candidato é convidado a tornar-se associado às entidades representativas de candidatos: ABC, OCAL e IPSO. Estamos certos de que parte dessas dúvidas não são de fácil dissipação, mas escolhi três para dar uma primeira sistematização: qual a importância, para o processo de formação, de o candidato conhecer e participar das entidades representativas? É legítimo questionar as tradicionais práticas institucionais exercidas nos institutos, aos moldes da IPA, e iniciadas muito antes de o candidato iniciar sua formação? Existem ganhos significativos para o candidato ao participar da construção de ações entre seus pares no Brasil, na América Latina e em outros países?

Todos sabemos, e me parece estarmos de acordo, que a formação de um psicanalista é longa, laboriosa e cercada de momentos solitários e nos leva a estar às voltas com inúmeras reflexões, dúvidas infundáveis, horas intensas de trabalho nas salas de análise, supervisões e estudo. A decisão do candidato em pertencer a associações locais já pode ser vista, certamente, como um passo importante rumo à participação ativa na vida institucional.

Em minha experiência, ao associar-me às entidades representativas tive a oportunidade de vivenciar encontros amistosos com outros candidatos, advindos dos diversos institutos brasileiros e internacionais, que alimentaram profícuas trocas de experiências clínicas, teóricas e de vida. Certamente, encontrar pessoas com capacidade de articulação de pensamento diferente foi e ainda é um diferencial em meu percurso. As variadas possibilidades de formação propostas por cada instituto ficam encarnadas nas pessoas que encontramos, e esse colorido que somente o encontro com o novo pode oferecer gera conhecimentos sobre como são vividos os processos da *transmissão* da psicanálise no Brasil. O processo de desconstrução de algumas ideias me ajudou a participar ainda mais de meu instituto de formação e contribuir na luta permanente pela manutenção de uma instituição saudável.

Participar do quarto eixo enriquece o processo de criação da identidade do candidato e no uso da escuta clínica no consultório e fora dele, mas, por conta do momento, marco que participar ativamente das entidades representativas nos prepara para contribuir futuramente nas funções que os psicanalistas são convidados a ocupar na direção dos institutos.

Aos que desconhecem a vivência institucional, fica a impressão que pontuar essas questões desvirtua a proposta do texto, mas vencer cada desafio, que desconhecia antes de ser gestor, ampliou minha capacidade criativa, aguçou minha

disponibilidade interna de lidar com as frustrações e aprender com as diferentes formas de pensar e trabalhar com a psicanálise, inclusive aprimorar o coletivo de trabalho, próprio de um pensar e agir grupalmente. As experiências obtidas abriram espaços de ressignificações de vivências subjetivas de antigas projeções e idealizações, antes inconscientes, pois o trabalho de grupo intensifica as angústias e cria novas representações de mundo. A vivência do quarto eixo ratificou em mim que já não será mais o tempo de Cronos que usaremos como referencial de nosso processo institucional de formação, mas o tempo da possibilidade interna do candidato se libertar das amarras do próprio narcisismo.

## REFERÊNCIAS

- Ferraz, F. C. (2014). Transmissão e formação: apontamentos sobre o tripé analítico. *J. psicanal.*, São Paulo, 47 (86): 87-102, jun. 2014. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010358352014000100010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010358352014000100010&lng=pt&nrm=iso). Acessado em 25 mar. 2017.
- Marinho, F., Kezen, J. e Marinho, N. (1998). *Rev. Latinoamericana Psicoanálise*, 2(1): 283-292, 1998. Imprenta Bogotá: FEPAL.
- Mahony, P. (1992). *Freud como escritor*. Rio de Janeiro: Imago.
- Mori, M. E. (2016). O grupo como dispositivo de Intervenção Psicanalítica. *Associação Livre. Jornal da Sociedade de Psicanálise de Brasília*. Ano V, Edição VII.
- Rodrigues, A. M., Silva Klochner, L. M., Iturbide Puiatti, R.; Brandão Skowronsky, S. (2006). *O candidato e a instituição psicanalítica*. Disponível em <https://psicanalisedownload.files.wordpress.com/2012/08/edicion20061.pdf>>. Acessado em 1 jul. 2017.
- Tanis, B. (2005). Considerações sobre a formação psicanalítica: desafios atuais. *Percurso*, 28 (35): 29-36.